

INTRODUÇÃO

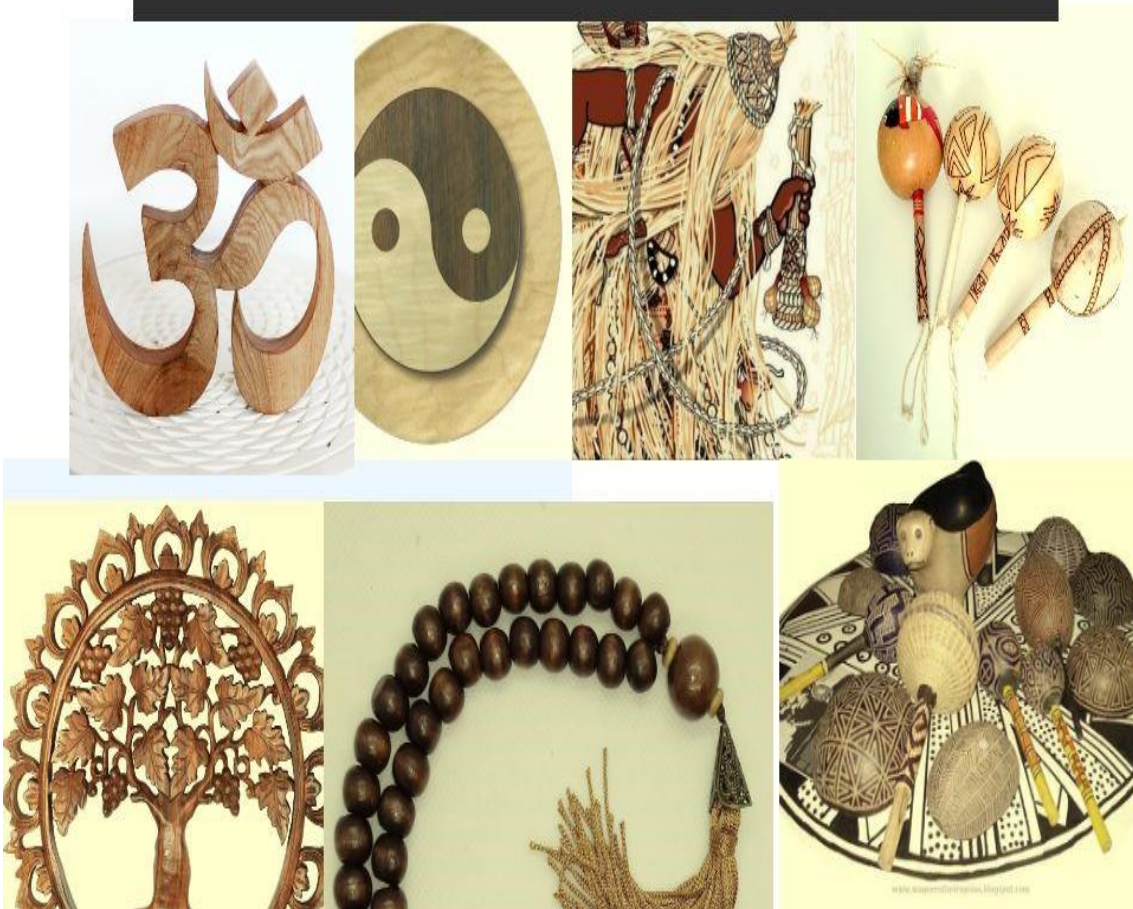
A palavra ERÓ muito usada em diversas religiões ou tradições de matriz africana como a Umbanda e o Candomblé tem o significado de “segredo” cuja legitimação concede uma série de signos que mantém a formação de processos iniciáticos cuja finalidade polissêmica amplia a noção de axé ou força vital que movimentam todos os seres do universo. Nesta obra, ERÓ, o segredo oferece aos leitores o descortinamento do preconceito e do racismo na valorização das medicinas hindu orientais em detrimento das práticas afro-brasileiras e ameríndias. Todavia, ao revelarmos o segredo da cura, valorizamos as contribuições afro-ameríndias no Brasil assim como em toda América Latina por extensão. Atualmente uma série de medidas incluem as medicinas alternativas como práticas de prevenção, cuidados com a saúde e bem-estar físico e psicológico. Tais medidas centram-se em diversas etapas como a organização jurídica, formação técnica, consultas e práticas terapêuticas. Geralmente essas “terapias alternativas” sinalizam múltiplos fazeres contidos nas tradições hindu-orientais espalhadas pelo globo terrestre. Quanto à nomenclatura “Medicinas Alternativas”, a Organização Mundial de Saúde (OMS) em 1962, definiu, (medicina alternativa), uma prática à parte da medicina alopática. Sua estrutura focaliza-se nas tradições ancestrais, populares com amplitude filosófica e sociológica “indígena”, oriental entre outras. Possivelmente a maior contribuição dessas “medicinas” são as resoluções de problemas de adoecimento de grande parte das populações carentes, empobrecidas e desamparadas das atenções médicas ao redor do mundo. Outro motivo menos aparente, mas extremamente conflituoso é o choque entre a base científica e tecnológica da medicina convencional de caráter ocidental científica, diante das tradições seculares ou milenares com base popular onde apontam origens indígenas, xamânicas, hindu-orientais e africanas ou afro-americanas que sofrem determinados preconceitos diante das demais. Contudo, objetiva-se neste ensaio conceituar a origem e a formação destas medicinas alternativas, para depois relacionar e identificar o movimento do preconceito e racismo com relação às contribuições das terapias tradicionais africanas ou de influência africana. Tal panorama descortinará as abordagens dentro de dicotomias numa discussão psico-analítica e tradicionalista e esperamos colaborar com todos aqueles que praticam os conhecimentos afro-brasileiros perpassados de geração

à geração. Neste sentido tais tradições não se anulam, em verdade complementam-se e seu ápice oferecerá a humanidade o reequilíbrio entre alma, mente e corpo.

**Adriano de Moraes & Maurício Luandê.
Baba Adriano de Oxun & Tata Mutadiamy**

ERÓ

As Práticas Tradicionais Afrodescendentes e a Dicotomia do Preconceito.



BREVIÁRIO “MEDICINAS ALTERNATIVAS”.

De acordo com o artigo: Cultura Contemporânea e Medicinas Alternativas: Novos Paradigmas em Saúde no Fim do Século XX. O autor MADEL T. LUZ demonstra breve histórico de crescimento das “medicinas alternativas” tanto nos países denominados de primeiro mundo, quanto nos países ditos de terceiro mundo nas décadas de 70 e 80. O autor apresenta a problematização macro-analítica com ênfase sociológica entre a crise da saúde e o aumento expressivo das práticas alternativas como a homeopatia de acordo com estudos desenvolvidos no Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro em 1982. O mesmo autor indica o marco histórico da separação entre saúde e medicina tradicional ou medicina e cultura onde o diretor geral da Organização Mundial de saúde apelou aos governos na conferência de Alma Ata na extinta União Soviética, em 1978 pela utilização das medicinas alternativas no sentido de ajuda humanitária a dois terços da população mundial cujos recursos econômicos seriam insuficientes. Neste paradigma do século XX nota-se o desenvolvimento de métodos e práticas de saúde alternativa, pontuamos o desenvolvimento da acupuntura e o Do in, de origem chinesa, medicina hindu ayurvédica, também incluímos práticas indígenas em menor escala, sem definir valor de importância as práticas espirituais de benzedeadas, do movimento umbandista e dos candomblés. Estas últimas modalidades no que tange às religiões de matrizes africanas geralmente são descritas na bibliografia consultada com poucas definições terapêuticas quase sempre associadas a reinterpretação das patologias ligadas aos ditos populares como “olho gordo”, “espinhela caída”, “quebrantos” associados a obsessões sob influência de espíritos malignos, obsessores ou atrasados seres espirituais, grifo nosso. Deste modo, neste trabalho iremos apontar alguns processos de terapias, ou de curas que ultrapassam a noção de tratamentos espirituais pelas matrizes africanas ora associando o legado milenar dessas tradições, ora complementando técnicas africanas em conjunto com as asiáticas e xamânicas, porém por fim, demonstramos o preconceito e racismo cujas religiões de matrizes africanas sofrem devido certa invisibilidade diante das costumes hindu-orientais.

O histórico das medicinas alternativas vem num fluxo contrário das medicinas tradicionais geralmente descritas como praxe de curandeirismo. O uso da

medicina alternativa era predominante na Europa e posteriormente na América do Norte e depois nas Américas, Central e do Sul nos séculos passados. O herbalismo, a naturopatia, e a hidroterapia por exemplo são formas comuns de tratamento de doenças. No século XIX, a homeopatia foi introduzida pelo médico alemão, Dr. Samuel Hahnemann e foi também amplamente utilizada em muitos países ocidentais. A homeopatia foi originalmente descoberta e primeiro praticada por Hipócrates, um médico grego, dentro de uma visão extremamente eurocêntrica também conhecido como o Pai da Medicina. Entretanto descolonizando a formação do pensamento eurocêntrico há registros das medicinas tradicionais na China, em forma de textos médicos mais antigos que conhecemos como medicina chinesa, Fu-Hsi, que viveu há cerca de 2900 anos a.C e inventou a filosofia fundamental do yang e do yin. Ainda na china por volta de 2700 a.C, surgiu Shen-Nung. Sua obra, Pen Tsao Kang Mu (Classificação das Raízes e Ervas), refere-se, principalmente, a farmacopeia vegetal, algumas usadas até mesmo nos dias atuais. Outra contribuição da medicina chinesa é o uso do ferro (para anemias), do arsênico (para as febres intermitentes), do mercúrio (no tratamento de algumas infecções), e do ópio (para a dor). Ainda na China, encontram-se, os mais antigos registros sobre infusões obtidas com uma planta (Ma Huang), utilizada para tratar a asma, tendo como constituinte ativo a manipulação de ervas e a retirada dos princípios ativos. A substância que aumenta a frequência cardíaca e produz dilatação da árvore brônquica (AGUIAR. 2010).

Ao deslocarmos de continente chegamos a África. Atótis, um sábio egípcio, pesquisava e praticava a medicina desde aproximadamente 3200 anos antes da Era Cristã. A partir do ano 2980, o mestre Imhotep protagonizou avanços consideráveis no conhecimento que lhe valeram a deificação. Os papiros descobertos por Smith (1650 a.C.) e Ebers (2600 a.C.) revelam conhecimentos médicos avançados, inclusive as primeiras suturas e fitas; o início da antisepsia com sais de cobre; e “a existência de uma medicina objetiva e científica fundamentada na atenta e repetida observação do doente, na experiência clínica e num conhecimento da anatomia que até o momento ninguém suspeitava”, de acordo com o tradutor dos textos desses papiros. Os primeiros cientistas-filósofos gregos, como Sócrates, Platão, Tales, Anaxágoras e Aristóteles, estudaram no Egito e de lá absorveram conhecimento e assimilaram técnicas

para a prática da investigação empírica e da reflexão conceitual. Os próprios gregos antigos reconheciam a grande influência do conhecimento egípcio sobre sua herança intelectual e cultural. E conheciam os egípcios como africanos de melanina negra da cor do ébano.

Relatos de historiadores da medicina antiga ressaltam que Imhotep foi um importante curador egípcio, além de arquiteto que viveu há aproximadamente 2.850 anos a.C., na época da terceira dinastia, sendo ele médico do rei Djoserin; posteriormente, em 525 a.C., quando o Egito se tornou província persa, Imhotep foi divinizado. Então, geralmente os médicos egípcios fossem sacerdotes, leigos, mágicos ou uma combinação deles, a medicina egípcia era predominantemente tradicionalista e religiosa ou seja de caráter divino; porém os papiros já revelavam anotações de várias enfermidades. (CASTIGLIONI.2010). A “history of medicine”. Nova York: [s.n.], 1947. p.56-57.

A medicina do povo de Israel foi bastante influenciada pela de seus vizinhos babilônicos e egípcios. Contudo, ao contrário destes, os Hebreus não tinham inscrições médicas sistemáticas e sim o Talmude – codificação do que era originariamente leis orais –, que está repleto de histórias que demonstram sabedoria psicológica. Além do mais, o aspecto fundamental que caracterizava a medicina primitiva hebraica residia na crença em que um único Deus era a origem da saúde e da doença, como bem esclarece os seguintes versos bíblicos:

“Pois eu sou Javé, aquele que cura você” e “Eu faço morrer, eu faço viver; sou eu que firo e torno a curar”. Logo, a cura da doença era um atributo do Divino e o propósito da doença era punir o homem por seus pecados. Apud (Catao.2011). A medicina alternativa na atualidade, faz uso de abordagens holísticas no tratamento de diferentes sintomas de doenças e distúrbios. Ao contrário da medicina convencional, medicina alternativa não contam com o uso de medicamentos produzidos pelas indústrias farmacêuticas, cirurgias e outros procedimentos médicos. Pelo contrário, utiliza substâncias naturais ou medicamentos naturais, produzidos na horta ou até mesmo nos fundos dos quintais para tratar diversas doenças. A medicina alternativa se concentra na restauração da saúde geral do corpo, assim, fortalecer o sistema imunológico e,

gradualmente, curando a doença ou doença no processo. Com tais dados históricos notamos a contribuição progressiva dos processos curativos do passado com a necessidade de dialogar com as tecnologias e estruturas sociais da medicina moderna. Assim o processo terapêutico através da história se complementa em buscas alternativas com o objetivo de melhorar a saúde de todos ou todas.

O termo, medicina alternativa, ou terapia alternativa é comumente usado para descrever práticas médicas diversas da medicina convencional. Ela difere também das medicinas antigas baseadas em tradição. Esta máxima pelo nosso ponto de vista apresenta-se como algo preconceituoso, pois a necessidade de cura e bem-estar é algo anacrônico.

Quando indicamos alguma pesquisa ou leitura, as referências atuais tratam as medicinas alternativas valorizando as performances hindu-orientais com maior base de pesquisa e profundidade. Porém as práticas de matrizes africanas e indígenas concentram-se apenas na fitoterapia do uso das ervas com abordagem medicinal, esquecendo de outras práticas muito utilizadas em terreiros, tendas e templos de umbanda, candomblé, jurema, catimbó, batuques, torés etc.

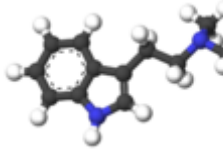

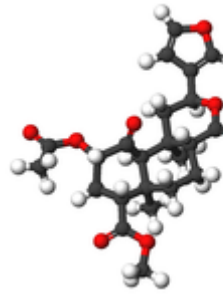

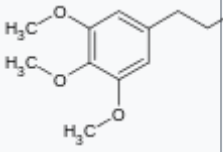

Geralmente, as plantas estão presentes nas preparações de amacis (banhos de defesa, de limpeza física e espiritual. nas preparações das comidas, bebidas e dos remédios (unguentos, cataplasma, xaropes), nas cremações em incensos, cachimbos, charutos e cigarros. Assim, pode-se considerar que as plantas empregadas na medicina popular e nos sistemas de crenças afro-brasileiros ampliam esses aportes ritualísticos em consonância com a necessidade de oferecer alívio e cura para as dores físicas e morais, assim, também indica cura à sociedade, ou a localidade geralmente periférica cuja circunferência se beneficia dessa medicina popular, independente de conversão. Levando em consideração a relevância da conversão como base da religiosidade destas crenças afrodescentes.

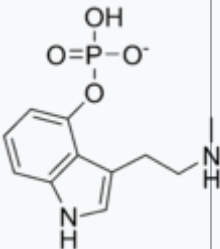

Não podemos esquecer que as práticas indígenas condensadas ou sincretizadas em cultos de maior influência indígena como as pajelanças e juremas ou catimbós das regiões nordestinas, centro-oeste e norte do

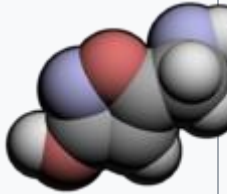

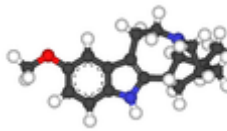

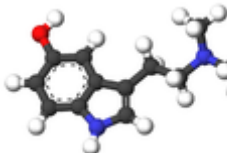

Brasil, utilizam-se do poder controlador das forças sobrenaturais, desempenhando, de alguma forma, um papel de maior conhecimento das ervas pelo ponto de vista idealizador levando em conta que o índio fora o primeiro habitantes das matas deste território. Nos próximos capítulos mostraremos que houve um consórcio entre indígenas e africanos. E de certa forma esses conhecimentos também estão inseridos nas práticas da medicina popular ou caseira. Variando em diferentes regiões do Brasil.

Há também definições entre as plantas mestras, ervas de poder ou plantas de mestria constatando que essas plantas têm seus papéis determinados dentro dos rituais e estes têm muito a ver com suas propriedades “reveladoras”, a partir dos elementos químicos que encerram. Conhecidas como plantas de uso enteógeno. As plantas com poderes esclarecedores ou inebriantes presentes nas práticas religiosas permitem os estados de ampliação ou desligamento desejados pelos fiéis de forma a permitir-lhes uma entrega absoluta a amplitude de consciência ou integração com a natureza. A utilização de povos tradicionais indígenas também utilizam animais “de poder” cuja manipulação desprende-se do organismo humano revelações de ciclos sutis de consciência que varia de pessoa para pessoa. Abaixo mostraremos um pouco da ação psicoativa de determinadas plantas. De acordo com a Wikipédia, a enciclopédia livre. Existe uma pequena lista para exemplificação do conteúdo dessas substâncias consideradas enteógenos. Exibição do princípio ativo de algumas plantas, fungos ou animais que contém determinada substâncias. A palavra enteógeno, que significa literalmente "manifestação interior do divino", deriva de uma palavra grega que refere à comunhão religiosa sob efeito de substâncias visionárias.



Princípio ativo	Ocorrências na natureza	Efeitos
 <u>DMT</u>	 Chacrona (<i>Psychotria viridis</i>), Jurema-Preta (<i>Mimosa hostilis</i>)	<p>Causa uma ampliação da percepção o que faz com que a pessoa veja nitidamente a sua imaginação (o que provoca as visões, que são como um sonho acordado e consciente e outras percepções da realidade, estando sempre consciente do que acontece).</p> <p>Em contexto religioso, tais fenômenos são atribuídos à <u>clarividência</u>, projeção da consciência ou contatos espirituais. Em outras experiências, dependendo da formulação de cada grupo e tolerância particular, o estado alterado se dá através de visões interiores próximas do estado meditativo, onde o usuário consegue distinguir as "mirações" pessoais da "realidade exterior".</p>
 <u>Salvinorin A</u>	 <u>Salvia divinorum</u>	<p>Sensações de lugares e presenças familiares, sentimento de revisão de vida, alteração no tempo/espço, visões de lugares impossíveis, sentimento de presença divina, inexplicável volta ao mundo real com um sentimento de segredo.</p>
 <u>Mescalina</u>		<p>O principal alcalóide ocorrente no cacto Peiote (<i>Lophophora williamsii</i>). Os usuários geralmente experimentam alucinações visuais e radicais estados alterados de consciência, tanto podendo acompanhar</p>

	<p><u>Peyote</u>, São Pedro (<u>Wachuma</u>), <u>Tocha</u> <u>Peruana</u></p>	<p>sensações de prazer e iluminação quanto, ocasionalmente, sentimentos de ansiedade, perseguição e outros efeitos adversos (a chamada <u>bad trip</u>).</p>
<p><u>Psilocibina</u></p>  <p>The image shows the chemical structure of psilocybin, which consists of an indole ring system with a phosphate group at the 2-position and a propyl chain at the 3-position.</p>	 <p>A photograph showing a hand holding several small, light-colored mushrooms with thin stems, likely Psilocybe species.</p> <p><u>Psilocybe semilanceata</u>, <u>Psilocybe cubensis</u></p>	<p>Após a ingestão da substância (através do "chá" do cogumelo, do cogumelo desidratado e moído, ou <i>in natura</i>, por exemplo) o indivíduo leva tipicamente cerca de 15 a 45 minutos para começar a sentir os efeitos. Os efeitos variam de pessoa para pessoa e também dependem do tipo de cogumelo ingerido. A princípio pode-se ter uma impressão de leve tontura e até mesmo um certo desconforto gástrico (que pode ocasionar vômito). Muitas vezes tem-se sensações agradáveis que incluem empatia com as outras pessoas e com o universo. Em um segundo momento é possível perceber alterações nas percepções visuais e noção de espaço. Por volta da 2^o hora costuma-se alcançar o topo da "viagem". Neste ponto, dependendo da quantidade ingerida, pode-se estar em um estado totalmente desconexo da realidade. Alucinações intermitentes em todos os sentidos provocando sinestesia e desprendimento do ego são comuns. O ponto alto da "viagem" pode ser extremamente agradável e, segundo alguns usuários, de um aprendizado considerável.</p>

 <p><u>Muscimol</u></p>	 <p><u>Amanita muscaria</u></p>	<p>Os efeitos do muscimol são substancialmente diferentes dos da <u>psilocibina</u>, ao passo que estes químicos afetam diferentes partes do cérebro. O muscimol tem mostrado não produzir alucinações "estruturadas" em muitos casos, e os efeitos são frequentemente comparados com um estado de sonhos lúcidos.</p>
 <p><u>Ibogaine</u></p>	 <p><u>Tabernanthe iboga</u></p>	<p>Originária do Gabão, na África, utilizada há milênios em rituais pelas religiões Bwiti e Fang. Em baixas dosagens, a ibogaína tem um efeito estimulante leve. Em doses altas, efeitos temporários incluem alucinações, com visões de cenas da infância, e ataxia (incapacidade de coordenar os movimentos musculares, por provável ação cerebelar). Os efeitos clínicos mais estudados indicam que a Ibogaína mostra um grande potencial no tratamento da dependência de drogas, principalmente opiáceos, mas também cocaína e crack.</p>
 <p><u>Bufotenina (5-OH-DMT)</u></p>	 <p>Sementes de <u>Anadenanthera colubrina</u></p>	<p>A Bufotenina é o ingrediente ativo primário das sementes das árvores de <i>Anadenanthera colubrina</i> e <i>Anadenanthera peregrina</i> (variedades de Cebil ou "angicos"). O pó insuflável chamado de Vilca ou Yopo (ou Cohoba), são feitos destas sementes. Para potencializar este rapé, muitos xamãs comumente adicionam uma forma natural de hidróxido de cálcio (ou óxido de cálcio) e um pouco de água ao pó. Este processo com o hidróxido de cálcio causa a conversão da bufotenina presente nas sementes em Cálcio</p>